

A Grande Guerra e Portugal

Aniceto Afonso*

Resumo

O artigo passa em revista alguns aspetos essenciais da Grande Guerra, em termos de contextualização política e militar. Apresenta também visão panorâmica da participação portuguesa naquele conflito, salientando as principais condicionantes políticas e militares de tal envolvimento.

Palavras-chave: Grande Guerra, Portugal, Corpo Expedicionário Português, Batalha de La Lys

Abstract

The article reviews some key aspects of the Great War, providing a political but also military contextualization of it. It also presents an overview of the Portuguese participation in that conflict, stressing the main political and military challenges of such engagement.

Keywords: Great War, Portugal, Portuguese Expeditionary Corps, Battle of the Lys

* Investigador no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa



1. A Guerra na Europa

35

1.1. Introdução

A Grande Guerra deflagrou na Europa nos primeiros dias de agosto de 1914 e só terminou com a assinatura do Armistício, em 11 de novembro de 1918, com 65 milhões de homens mobilizados, oito milhões e meio de mortos, 20 milhões de feridos, milhares e milhares de prisioneiros e desaparecidos.

Guerra da liberdade ou guerra da pátria, a verdade é que todos pensaram a guerra como uma ação rápida, fulminante, com a ideia de *passar o Natal em casa*.

Portugal deixou nos campos de batalha mais de oito mil mortos e mobilizou mais de cem mil homens.

Resultados?

A guerra não desatou o nó górdio. Também não foi a última das guerras. O mundo novo tão prometido não passou de uma grande ilusão.

A Grande Guerra não foi a guerra decisiva, foi uma guerra de passagem. O que os estrategas pensaram para cinco meses durou mais de três décadas. De facto, só para além da Segunda Guerra Mundial, a Europa pôde, lentamente, encontrar um delicado caminho comum.

1.2. Início da Guerra

A Alemanha sabia que num conflito futuro teria que preparar-se para combater em duas frentes — a Oeste, enfrentando a aliança entre a França e a Inglaterra (*Entente Cordiale*), e a Leste, resistindo à Rússia, ligada por vários tratados às potências do Ocidente. O plano Schlieffen, concebido pelo general do mesmo nome, chefe do Estado-Maior-General alemão e concluído em 1906, traduz o exato conhecimento do dilema alemão perante um conflito europeu de grandes dimensões. Assim, o plano entendia que na primeira fase da guerra, em seis semanas, as forças alemãs, constituídas por quase 90% dos efetivos, deviam atacar a Ocidente terminando com a tomada de Paris, através da Bélgica (e Holanda), e assegurando com os restantes 10% a contenção a Leste, face à lentidão de mobilização do exército

36 russo; conseguida a vitória a Ocidente, as forças seriam transferidas para Oriente para se confrontarem com a Rússia.

O plano francês (Plano XVII), baseado na doutrina da ofensiva a todo o custo, orientou-se predominantemente para a conquista dos territórios perdidos pela França em conflitos anteriores, como a Alsácia e a Lorena.

O mês de agosto de 1914 é crucial para a compreensão do que veio a suceder nos anos seguintes.

Enormes efetivos do Exército alemão comandados por von Moltke invadem a Bélgica, a caminho de Paris, procurando seguir o Plano Schlieffen. A França percebe tardiamente a estratégia alemã. O seu Exército, comandado por Joffre, guiou-se pelo Plano XVII, mantendo a ofensiva por dois eixos principais, a Norte e Sul de Metz, mas desguarnecendo perigosamente a região Nordeste. Tropas inglesas voltam ao continente europeu, com uma força expedicionária comandada por John French.

As primeiras e sucessivas batalhas trazem para o teatro de operações as grandes linhas de força do empenhamento das unidades militares em grande parte dos longos 51 meses que a guerra irá durar - fogos maciços, efetivos volumosos, desastrosas tentativas de avanço em terreno descoberto, milhares de mortos, organização do terreno, estabilização das frentes, trincheiras.

Todas as batalhas foram devastadoras, com milhares de baixas de ambos os lados, em que o intenso fogo das metralhadoras e da artilharia se tornou decisivo no resultado dos combates.

Mas se o sistema de trincheiras se tornou rapidamente efetivo no flanco Sudeste, o flanco Nordeste veio a ser preenchido quase em paralelo por ambos os lados, em operações contínuas, a caminho do canal da Mancha, a chamada *corrida ao mar*, até que se desenhou uma linha de organizações defensivas, que veio a estender-se por cerca de 765 km, entre a fronteira suíça e o Canal da Mancha. Será em torno desta *fronteira de guerra* que as operações futuras se virão a desenrolar na frente Ocidental.

1.3. As Novas Armas

A primeira grande surpresa ocorrida no campo de batalha foi a eficácia das novas armas, em especial da metralhadora e da artilharia.

A superioridade do fogo sobre os outros elementos de combate foi decisiva para a forma de combater nos campos da Grande Guerra.

A metralhadora, como arma baseada no conceito de tiro múltiplo e contínuo, surgiu muito antes da Grande Guerra. Mas os responsáveis militares europeus não se aperceberam, antes de as operações começarem, da importância que viria a ter no combate. A sua influência no desenrolar da guerra foi enorme, levando à construção de abrigos e rapidamente das trincheiras, única forma de proteger os combatentes do seu fogo.

Este sistema de trincheiras, se por um lado paralisou a guerra, obrigando as operações a girar em torno da imensa linha de contacto, sem alternativa aos ataques frontais excessivamente mortíferos, por outro lado obrigou a repensar formas de ultrapassar o impasse. Foi assim que se desenvolveram novas táticas e novos equipamentos, começando pelo papel da artilharia, passando pelo uso de gases e acabando na importância do carro de combate e da aviação de combate.

Nas trincheiras, a rotina do dia a dia era muito penosa e as condições de vida extremamente precárias. Tudo se organizava em função do inimigo, da vigilância, da segurança, da capacidade de sobrevivência. As condições sanitárias eram de extrema precariedade, as doenças bastante comuns, o sofrimento constante.

A artilharia teve um papel fundamental nos campos de batalha da Grande Guerra. As suas ações traduziam-se em longas preparações e contrapreparações, barragens e flagelações, em que eram consumidos milhões de granadas de todos os calibres, soterrando homens e materiais, abrindo enormes crateras, e transformando o campo de batalha numa paisagem lunar.

Houve inovações não só nas armas propriamente ditas, nas munições e nas cargas propulsoras, mas também na condução do tiro, no sentido da sua eficácia progressiva. Outras inovações vieram também contribuir para o emprego da artilharia, como o telefone, o balão cativo, a TSF e o avião, permitindo a observação e aperfeiçoamento do tiro.

Os carros de combate e a aviação, ao combinarem o fogo, o choque, a proteção e o movimento, introduziram no campo de batalha a possibilidade de o comandante interferir na manobra, usando todos os elementos essenciais do combate, e de resolver o impasse. Os aliados desenvolveram estes meios com mais rapidez e em maior quantidade e foi isso que lhes permitiu chegar à vitória.

Na frente Oriental, o ano de 1917 ficou marcado pela Revolução Russa, que veio a interferir profundamente na evolução geral da situação. Em outubro, os bolcheviques tomaram o poder e anunciaram, entre outras medidas, um armistício separado. A reunião com as autoridades alemãs ocorreu em Brest-Litovsk acabando, após vários impasses, por ser assinado o tratado de paz em 3 de março de 1918. Separavam-se os aliados do Ocidente e do Oriente e ficavam as forças alemãs livres para o ataque final na frente ocidental.

Desenhava-se também a entrada dos Estados Unidos na guerra, após um longo período de neutralidade, depois da declaração do *estado de guerra* com a Alemanha, em 6 de abril de 1917, em consequência do recrudescimento da guerra submarina.

No início de 1918 concentravam-se na frente ocidental todas as atenções dos poderes em presença. Todos esperavam definir uma estratégia que permitisse romper as linhas defensivas, para desferir um ataque decisivo. Os aliados pensavam utilizar como arma de rotura as unidades de blindados, para além de contarem com o reforço das unidades americanas. As potências centrais, que se tinham atrasado no fabrico de blindados, pensavam romper as linhas da frente com grande concentração de meios em setores reduzidos.

Os aliados partiam com vantagem material, em especial no que respeitava às novas armas. De facto, enquanto que os aliados tinham um total de 4.500 aviões, a Alemanha possuía 3.700; em relação à artilharia, os aliados tinham 18.500 bocas de fogo e os alemães 14.000; em relação aos carros de combate a diferença era enorme — mais de 5.000 para os aliados e apenas 20 para as forças alemãs.

Os planos decisivos da guerra convergiam para a primavera de 1918. A Alemanha tomou a iniciativa, lançando a *Operação Michael* a partir de 21 de março na região de St. Quentin. O número de efetivos empenhados e a criteriosa escolha do local de ataque deram uma enorme vantagem às forças atacantes, chegando a temer-se a iminente rotura das linhas. Sustido o avanço, o alto comando alemão definiu novas direções de ataque e escolheu a região da Flandres para lançar a *Operação Georgette*, a partir de 9 de abril. Uma das divisões da frente nesta região era a 2ª Divisão Portuguesa, integrada no 1º Exército Britânico. Fiéis ao novo figurino de grande concentração de meios em frentes estreitas, as forças alemãs utilizaram intensos fogos de artilharia e efetuaram o assalto a coberto de denso nevoeiro. A penetração,

embora menor que a efetuada em março, acabou por se esgotar antes do final de abril.

39

2. Portugal e a Guerra

2.1. Situação

Com esta moldura da guerra, situemos então Portugal no conflito.

Ainda antes da declaração de guerra da Inglaterra à Alemanha, feita a 4 de agosto, o governo inglês pediu ao Governo português «para se abster por agora de publicar qualquer declaração de neutralidade». De certa forma, logo aqui ficou delineada a posição de Portugal perante o conflito: não declaração da neutralidade e inteira dependência da Inglaterra quanto à alteração desta primeira atitude. Essa posição perante a guerra nem neutral, nem beligerante manter-se-ia até 9 de março de 1916, dia em que, a seguir ao apresamento dos navios alemães surtos em portos portugueses, a Alemanha declarou guerra a Portugal.

A partir da declaração de guerra da Alemanha, as medidas de mobilização foram aceleradas. Mas a concretização da mobilização pôs a nu as inúmeras dificuldades estruturais em efetivos, em armamento, em equipamentos e, acima de tudo, em quadros.

O convite oficial do Governo britânico de 15 de julho de 1916, para que Portugal tomasse parte ativa nas operações militares dos aliados ainda conheceu oposições, mas as tropas portuguesas constituintes do Corpo Expedicionário Português (CEP) iniciaram o embarque em finais de janeiro de 1917.

O efetivo total do CEP nesta primeira mobilização foi de 1.551 oficiais e 38.034 sargentos e praças. Estes números viriam a subir para mais de 50.000 embarcados, quando se constituiu a 2ª Divisão, que permitiu completar o Corpo de Exército, com que Portugal iniciou a sua participação na frente europeia da guerra.

2.2. O CEP em França

Em França, depois de um período de instrução e estágio nas linhas, foi atribuído ao CEP um setor na frente, situado na Flandres francesa, em frente da cidade de Lille, entre Armentières e Béthune. Na opinião

40 dos comandos ingleses era um setor bastante calmo, onde não se previa a ocorrência de grandes ações de combate.

O CEP assumiu a responsabilidade total do setor português no dia 5 de novembro de 1917, sob o comando do 1º Exército Britânico.

O setor português era uma zona plana, tinha a forma de um quadrilátero irregular, com cerca de 12 km de trincheiras. Foi aqui que até 9 de abril de 1918, os soldados passaram por uma dura experiência de guerra, que marcou indelevelmente uma geração portuguesa.

As unidades portuguesas, antes do Corpo assumir em pleno o seu setor, tiveram 352 mortos em combate, entre abril e outubro de 1917.

Em 5 de dezembro de 1917, uma revolta em Portugal, chefiada por Sidónio Pais, conquista o poder e assume a direção política do País.

A nova situação não chegou a pôr em causa a continuação do empenhamento militar ao lado dos Aliados, tanto na Europa como em Moçambique, mas é sintomático da nova disposição dos dirigentes portugueses o facto de não se terem efetuado quaisquer rendições de efetivos.

As tropas portuguesas viram-se assim envolvidas num conflito que dificilmente compreendiam. A retaguarda era débil, as condições de emprego como força militar em operações extremamente fraca, o moral foi sempre baixo, mas no início de 1918 desceu a níveis insuportáveis. As unidades tinham falta de oficiais, a instrução tinha sido deficiente, o apoio não estava ao nível do de outras unidades do mesmo escalão. Os soldados não gozavam férias, estavam muito longe da sua terra, muitos nunca chegaram a compreender porque estavam naquela guerra.

2.3. A Caminho de La Lys

A atividade militar na zona intensificou-se de forma gradual mas constantemente. O mês de março foi extremamente penoso para as unidades portuguesas.

Os comandos portugueses aperceberam-se desta situação, mas o comando britânico manteve a ideia de que o ataque principal que as forças alemãs preparavam não seria na região de Armentières. Mas em 6 de abril as tropas portuguesas receberam ordens para manterem na linha da frente apenas a 2ª Divisão, comandada por Gomes da Costa, passando para o comando do XI Corpo de Exército britânico. Na prática porém, a extensão da linha da frente manteve-se nos 12 km

anteriores, sendo retirado um batalhão. Ou seja, a frente ficou com menos densidade de forças. O tempo também foi curto para consolidar as inevitáveis mudanças táticas resultantes desta decisão unilateral do comando britânico.

Mas o pior estava para vir. As visitas a 6 e 7 de abril do comandante do XI Corpo, general Hacking, ao comando da 2ª Divisão coincidiram com as notícias dos preparativos alemães e a constatação do nível moral e do estado físico das tropas portuguesas, o que levou o comando britânico à decisão lógica que uma prudente análise de situação já deveria ter aconselhado há bastante tempo. A 8 de abril foi dada ordem para a substituição da 2ª Divisão por uma divisão inglesa, movimento que deveria iniciar-se a 9 de abril. Era tarde e a decisão tardia desmoronou o moral das primeiras linhas portuguesas. Se a vontade de lutar e a disposição anímica era já extremamente baixa, a perspectiva de sair da frente anulou toda a capacidade de resistência e de comando. A situação só poderia conduzir a um desastre, se o ataque se realizasse exatamente nesse dia. Foi o que aconteceu.

2.4. *La Lys*

O ataque alemão de 9 de abril inseriu-se na sua estratégia de rotura da frente em setores estreitos, com grande superioridade de meios. Os comandos alemães sabiam que seria uma das últimas oportunidades de o conseguirem. O ataque foi bem planeado, bem preparado e executado de forma eficaz. A preparação da artilharia foi longa e intensa. Os gases de combate foram usados da forma habitual. O assalto fez-se de acordo com os princípios táticos consolidados pela longa guerra de trincheiras: preparação de fogos, ataque frontal, envolvimento, contrabateria, ataques profundos, consolidação do terreno conquistado.

A defesa do setor português, e de certa forma dos setores vizinhos, não pôde organizar-se de forma consistente. A capacidade de combate dos portugueses estava diminuída pelas condições do terreno, pelo desequilíbrio dos meios de combate e principalmente pela disposição psicológica das tropas.

Houve resistências, mas os confrontos foram pontuais e não duraram mais que escassas horas, o tempo necessário ao avanço das tropas alemãs. Em seis horas ruiu toda a resistência das primeiras linhas; ao fim do dia estava conquistado todo o setor português e consolidada a

- 42 penetração alemã. Só em Lacouture um pequeno núcleo anglo-português resistiu até ao dia seguinte.

Como *Batalha do Lys, 9 de abril, La Lys a Batalha Portuguesa* ou outro título semelhante, os combates da manhã de 9 de abril de 1918 na frente ocupada pelo CEP encontram-se descritos e analisados em múltiplos textos.

3. Como Acabou a Guerra

Vejamos o campo de batalha. O carro de combate e os primeiros meios aéreos foram a base técnica para vencer o imobilismo das trincheiras. No que respeita aos carros de combate, tanto os modelos ingleses como os franceses combinavam, desde o início, vários elementos indispensáveis: mobilidade (motor de explosão, combustível líquido, lagartas), proteção (blindagem contra armas ligeiras) e poder de fogo (metralhadoras ou peças de tiro rápido). A organização e a tática da sua utilização foram objeto de várias experiências, nem todas com êxito. As primeiras utilizações foram feitas ainda em 1916, mas sem grandes resultados práticos. A Alemanha, por opção própria, com dificuldades de produção e colhendo ensinamentos das primeiras experiências aliadas, não chegou a dar grande importância a esta nova arma.

Mas o carro estava destinado a impor-se. Faltava aplicar-lhe um conceito novo: ligeiro, veloz, com tripulação reduzida. A França foi neste sentido pioneira, com o *Renault FT*, produzido aos milhares nos últimos meses de guerra.

Na contraofensiva aliada que se inicia em maio de 1918, os carros vão desempenhar um papel fundamental. Os mais pesados para abrir brechas na frente, através da sua capacidade de ultrapassar as trincheiras, e os ligeiros para efetuar a exploração do sucesso inicial. Não sendo estas iniciativas determinantes, como atos isolados, os aliados mantiveram neste período uma constante atividade na frente, procurando iniciar um ataque logo que o anterior era detido. Desta forma puderam esgotar a capacidade de resistência alemã, cujos comandos, a partir de agosto, admitiram a necessidade de encontrar uma solução política para a guerra.

Depois de La Lys, o que restou das tropas portuguesas foi distribuído por unidades inglesas, sendo os militares utilizados, de uma forma

geral, em trabalhos braçais, como a construção de trincheiras. Tanto o general Tamagnini, enquanto manteve o comando, como o general Garcia Rosado, que o substituiu a partir de agosto, procuraram junto do governo português e do governo inglês, mas também junto do comando britânico, devolver alguma dignidade ao período final da presença das tropas portuguesas na frente ocidental.

43

Foi assim que o Exército Português, mais por iniciativa no terreno de alguns dos seus comandos do que por empenho do governo de Lisboa, conseguiu ultrapassar com um resto de dignidade as contingências da sua presença na frente europeia, vindo depois a desfilar em Paris, quando ali se comemorou a vitória, em 14 de julho de 1919.

